



Publicado em: 12.02.2024

O IMPACTO DO WHATSAPP NA ESCRITA FORMAL DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO

Elandia Albuquerque
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
E-mail: elandiasilva671@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa abordar os impactos ocasionado pelo constante acesso a aplicativos de mensagens na escrita padrão dos alunos do Ensino Médio. Neste âmbito, apresenta o *WhatsApp* como veículo que interfere diretamente para o crescimento dos desvios da escrita formal dos alunos supracitados. A fundamentação teórica utilizada nesta pesquisa adota os pressupostos de Antunes (2003), Barbeiro e Pereira (2017), como também a BNCC (2018). Para a construção do trabalho, foi utilizada a pesquisa qualitativa, apoiada em questionários e observação do grupo focal. A pesquisa mostrou que a escrita padrão foi impactada de forma negativa pelo uso de aplicativos de mensagens, tais como, o *WhatsApp*, uma vez que os alunos não diferenciam as situações de uso da linguagem forma e da não formal.

Palavras-chave: Whatsapp; Escrita padrão; Ensino médio; Tecnologia.

THE IMPACT OF WHATSAPP ON THE FORMAL WRITING OF HIGH SCHOOL STUDENTS: A CASE STUDY

ABSTRACT

This article aims to address the impacts caused by the constant access to messaging applications on the standard writing of high school students. In this context, it presents WhatsApp as a vehicle that directly interferes with the growth of formal writing deviations of the aforementioned students. The theoretical framework used in this research adopts the assumptions of Antunes (2003), Barbeiro and Pereira (2017), as well as the BNCC (2018). For the construction of the work, qualitative research was used, supported by questionnaires and observation of the focus group. The research showed that standard writing was negatively impacted by the use of messaging applications, such as WhatsApp, since students do not differentiate between formal and non-formal language use situations.

Keywords: WhatsApp; Standard writing; High school; Technology.

1 INTRODUÇÃO

O uso das ferramentas tecnológicas em sala de aulas tem sido bastante eficiente, pois vem ajudando no desempenho dos alunos, deixa as aulas mais dinâmicas e promove a interação professor-aluno. No entanto, é sabido que as produções dos alunos vêm sendo insuficiente no que diz respeito ao domínio da norma culta, pois o uso de palavras abreviadas, falta de acentuação e pontuação têm feito parte da rotina de estudantes e professores. Dessa forma, o presente trabalho investiga a relação entre o uso da tecnologia com a escrita dos discentes. Tendo em vista a amplitude desse tema, este estudo tem o objetivo de mensurar os impactos do *WhatsApp* na escrita formal dos alunos. A pergunta que pode ser levantada é: mas por que o *WhatsApp*?

Devido a sua grande popularidade, o *WhatsApp* virou popular entre os brasileiros, especialmente, entre os jovens que o usam para tudo. Com a chegada da Pandemia da covid19, essa ferramenta passou a ser usada como recurso educacional, possibilitando a comunicação entre alunos e professores. Aparentemente inofensivo, esse aplicativo impactou a escrita durante o isolamento social, por ser um dos meios educacionais utilizados naquele período e, ao mesmo tempo, consistir em uma forma de lazer e interação dos usuários. Logo, os alunos utilizavam a linguagem virtual, sem seguir a norma culta, em todas as interações, fossem elas educacionais ou não.

Pesando nisso, esta pesquisa tem por objetivo apresentar os impactos do *WhatsApp* na qualidade da escrita padrão. Para entender o objetivo supra posto, foi realizada uma pesquisa com alunos de escola pública da cidade de Itapecuru Mirim, Maranhão.

Este artigo é composto por cinco seções. A primeira é a fundamentação teórica que foi utilizada na construção deste trabalho. Nela, apresentamos as observações de Antunes (2003), da BNCC (2018), como também a Cartilha de redações do ENEM (2019). A segunda seção é a metodologia, que vem mostrando como ocorreu a pesquisa e quais meios usados para o referente trabalho. A terceira seção é a análise dos dados obtidos durante a pesquisa. A quarta seção é composta pelas considerações finais, seguida das referências usadas no trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A tecnologia como ferramenta de aprendizagem nas escolas vem crescendo rapidamente e contribuindo bastante com o ensino. Segundo os autores Mattar; Czeszak; Díaz; Moser; Silva e Silva (2021), a introdução de novas tecnologias associadas às diferentes metodologias ativas tem sido um diferencial importante para o desenvolvimento de novas formas de facilitar a construção de posturas mais proativas. A Base Nacional Comum Curricular também declara a importância do uso das tecnologias para uma aprendizagem significativa, com demonstra o excerto a seguir:

Propostas de trabalho que possibilitem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social.

Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes (BNCC, 2018, p. 478).

Em razão da pandemia do Novo Corona Vírus em 2019, as aulas presenciais tiveram que ser suspensas e a interação professor-aluno teve que ser reinventada, passando a ser totalmente a distância. Isso dificultou o processo de ensino-aprendizagem, mesmo com a tecnologia a favor, ambos reclamaram bastante das dificuldades encontradas.

Não obstante, descobriu-se que a comunicação virtual ter sido a única alternativa nesse período tão difícil. Muitas das palavras usadas nos aplicativos de mensagens, como o *WhatsApp*, passaram a fazer parte do vocabulário cotidiano desses alunos, comprometendo a sua escrita e o seu desempenho escolar. Conforme, explica Antunes (2003), isso “nos leva a admitir que somente uma concepção interacionista da linguagem, altamente funcional e contextualizada, pode de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante”.

Diante disso, professores vêm observando que os erros de pontuação e ortografia estão atrelados ao uso exacerbado e ao contato desenfreado com as linguagens virtuais. Percebe-se que os jovens não sabem como escrever determinadas palavras ou como usar uma vírgula que, aliás, para eles têm a função de pausa respiratória. A situação fica mais precária quando analisada suas produções textuais, a exemplo, a redação. Segundo Cordeiro (2012), escrever e falar conforme preceitua a gramática não é fácil. Porém, escrever sem o Norte dela é muito pior.

Nesse contexto, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), avalia a redação através de 5 competências, a primeira delas, é a mais preocupante entre estudantes, pois, avalia o domínio da escrita na forma padrão. Erros que passam despercebidos no cotidiano tornam-se cruciais nesse exame. Segundo a cartilha de Redações do ENEM, lançada pelo INEP, em 2019:

Uma das primeiras questões que devem ser consideradas na avaliação da Competência I é que a escrita formal da Língua Portuguesa pressupõe um conjunto de regras e convenções estabelecidas ao longo do tempo. É importante enfatizar que aqui estamos tratando da escrita formal, uma vez que é a escrita mais adequada a textos dissertativo-argumentativos, e que a exigência de utilizar essa escrita fica explícita para os participantes já na proposta de redação: (ENEM REDAÇÕES, 2019, p. 5).

Prensyk (2001), diz que os estudantes atuais são “nativos digitais”, pois fazem parte da geração que nasceu com a tecnologia. Ensinar alunos dessa geração não é tarefa fácil, já que os professores não conhecem o perfil dos estudantes e, além disso, precisam se fazer presentes na realidade deles, compartilhando informações para só então, conseguir orientá-los de maneira ativa e dinâmica. Quanto a isso, Bacich e Moran (2018), diz que:

Tanto na escola como fora dela, é muito importante a comunicação entre pares, entre iguais, dos estudantes entre si, trocando informações, participando de atividades em conjunto, resolvendo desafios, realizando projetos,

avaliando-se mutuamente. É na comunicação entre grupos, nas redes sociais, que compartilham interesses, vivências, pesquisas, aprendizagens. A educação se horizontaliza e se expressa em múltiplas interações grupais e personalizada (BACICH; MORAN, 2018, p. 52).

Segundo a BNCC (2018), mesmo considerando a cultura digital, os multiletramentos e os novos letramentos a “cultura do impresso (ou da palavra escrita) continuam sendo centralidade na educação”. Vale ressaltar, que mesmo com o aluno sendo sujeito ativo na produção do próprio conhecimento, é preciso direcioná-lo quanto ao uso excessivo da linguagem virtual e ao vício e seus efeitos negativos, pois a escrita padrão é dotada de regras, diferentes da informal. Além disso, ela advém de séries de combinações para serem seguidas.

A escrita exige a capacidade de selecionar e combinar as expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior, para construir uma representação do conhecimento, correspondente aos conteúdos que se quer expressar. A escrita encontra no texto a forma mais relevante de representação do conhecimento. Escrever é, em grande parte das situações, escrever um texto (BARBEIRO e PEREIRA, 2007, p.17).

Dessa forma, é evidente que o vício de linguagem é o maior vilão na escrita padrão. A escrita informal como nos grupos de amigos pelo *WhatsApp*, tem contribuído muito para tal efeito, nesses últimos anos. Buscando ficar atualizados sobre tudo e todos, os jovens vêm aderindo às novas formas de comunicação muito rápidas.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada na escola Centro de Ensino Médio Professor Newton Neves, povoado Leite, município de Itapecuru Mirim, no Estado do Maranhão, entre o período de agosto a novembro de 2022, com uma turma de vinte alunos do Ensino Médio. Todas as etapas os alunos estavam presentes e seus relatos orais entraram na pesquisa, não contam como uma etapa, mas, como valores a serem agregados.

A coleta de dados aconteceu por meio de observação da escrita, tanto na escola quanto nas conversas do *WhatsApp*, seguido de um questionário simples e individual composto por seis perguntas objetivas e uma subjetiva, às quais foram atribuídas aos alunos.

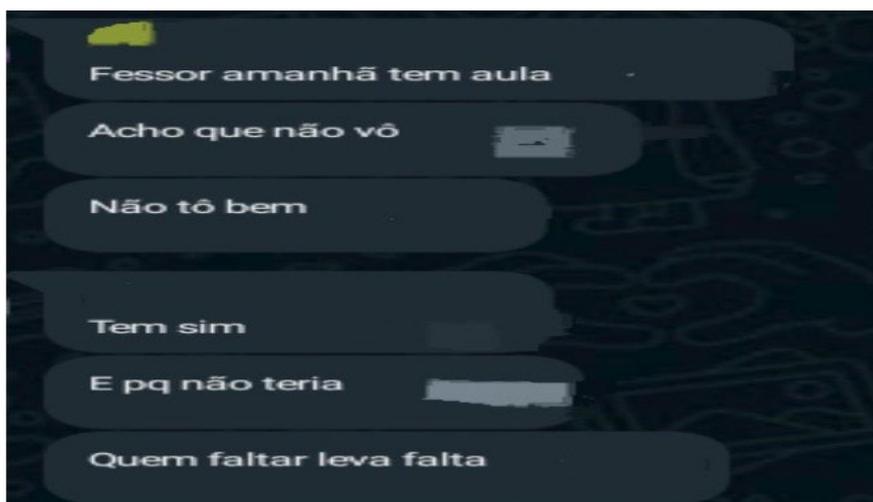
4 ANÁLISE DE DADOS

Como foi dito, essa pesquisa dividiu-se em três etapas, e, a análise de dados se deu em três etapas. Primeiramente, foram observadas as mensagens entre alunos e seus professores, de qualquer área, em conversas do *WhatsApp* e constatou-se que os desvios não eram relevantes e que só importava a comunicação. Oriundos dos dois lados, os desacertos passam despercebidos ou inequivocadamente não são corrigidos porque fazem parte apenas de uma conversa informal, o que se torna fator determinante para falhas na escrita padrão.

Observou-se, que os alunos não tinham seus cadernos revisados pelos professores e, que quando acontecia era só o famoso “visto” sem nenhuma leitura do que estava escrito e até mesmo, o “muito bom” no canto do caderno, indicando que tinham olhado o texto ou atividade e que, não continha nenhum “erro” ou que estava dentro do exigido. Analisando as atividades referentes a alguma nota, foram encontrados pequenos traços de caneta vermelha que, sinalizavam algum tipo de correção por parte dos professores, mas as palavras marcadas como erradas não apareciam de forma correta na maioria dos cadernos revisados.

Partindo para a segunda fase, foram analisados os cadernos escolares dos alunos que estavam no grupo para saber se a escrita digital estava de fato influenciando na escrita padrão. Obteve-se o resultado positivo para a hipótese dessa etapa. Foram encontrados todos os desvios presentes nas conversas do *WhatsApp*. Tais como: ausência de pontuação, escrita abreviada. Conforme mostra essa conversa entre um aluno e seu professor.

Figura 1: Conversa do grupo de WhatsApp entre professor e aluno.



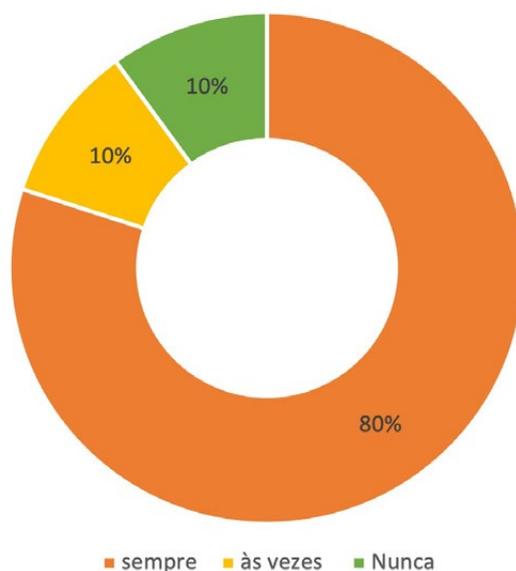
Fonte: *Print* coletado pela pesquisadora no grupo de trabalho da escola pesquisada.

Segundo os próprios estudantes, os professores só olhavam os cadernos para saber se as atividades estavam todas respondidas, se a aula estava transcrita, nunca era uma leitura de fato. Os alunos ainda relatam que muitas vezes se sentem aliviados, porque sabem dos erros que os professores podem encontrar, pois escrevem abreviados quando estão com preguiça ou quando não gostam das aulas e que só tentam escrever corretamente quando vale nota.

A última etapa contou com um pequeno questionário, passamos aos resultados obtidos. Questionados se usavam palavras abreviadas no *WhatsApp*, todos responderam que sim. Oralmente acrescentaram que, é normal, mais rápido e até mesmo mais fácil e, já que não vale nota não tem por que escrever “certo”, ninguém se importa. Vale ressaltar, que houve dificuldade de compreender a pergunta, pois a

maioria não sabia o que significa a palavra abreviação. A segunda pergunta tratava sobre o uso do *WhatsApp*, com qual frequência eles usavam o aplicativo.

Gráfico 1: Frequência de utilização do WhatsApp.

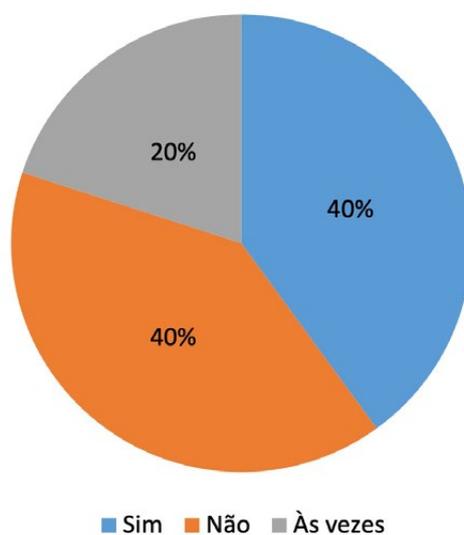


Fonte: Dados da pesquisa.

Como o gráfico mostra, 80% (oitenta por cento) dos alunos responderam que o usam sempre, 10% (dez por cento) às vezes, e 10% (dez por cento) responderam que quase nunca ousava o aplicativo.

Na terceira, foi perguntado se havia erros ortográficos nas mensagens e, novamente, todos disseram que sim e, ainda, afirmaram que é o que mais tem e, às vezes, dizem: “eu nem entendo o que está escrito, mas mudo de assunto e continuo a conversa”. A quarta pergunta, refere-se à escrita abreviada nas aulas de língua portuguesa.

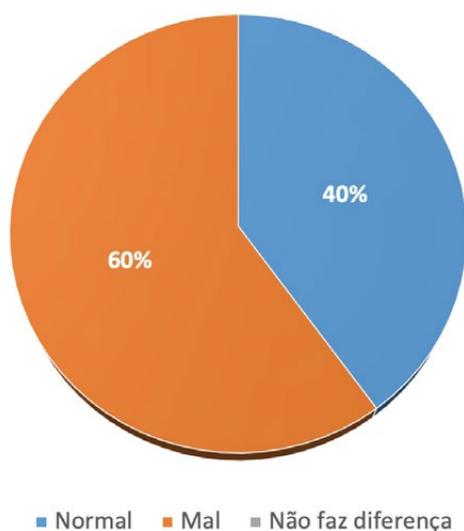
Gráfico 2: Você escreve abreviado nas aulas de português?



Fonte: Dados da pesquisa.

Vimos que 40% (quarenta por cento) dos alunos disseram que escrevem abreviado, 20% (vinte por cento) relatou que não e, 40% (quarenta por cento) responderam que às vezes. Diante disso, notamos que o uso do *WhatsApp* pode influenciar na escrita dos alunos, mesmo sem perceber esses estudantes internalizam a linguagem que usam nesse aplicativo para a sua vivência escolar.

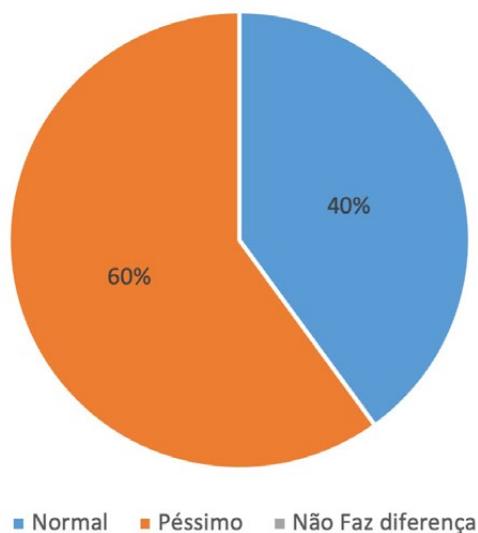
Gráfico 3: Como você se sente quando erra algumas palavras?



Fonte: Autoria Própria.

Em relação ao desvio da escrita no *WhatsApp*, foram questionados com se sentiam e, 40% (quarenta por cento) disseram se sentir mal enquanto, 60% (sessenta por cento) relataram que não fazia diferença. A última pergunta objetiva era voltada para a escrita “errada” na escola e qual a sensação em relação a isso.

Gráfico 4: Como você se sente ao escrever errado na escola?



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme o gráfico acima, 40% (quarenta por cento) disseram sentir normal, enquanto 60% (sessenta por cento) responderam que se sentem péssimos. A sétima questão, totalmente subjetiva, os alunos tiveram que relatar se o *WhatsApp* influenciou na escrita padrão, deixando-a melhor ou pior e, logo depois justificar a resposta. A intenção era descobrir como estava a escrita e saber qual a opinião crítica dos estudantes a respeito da linguagem digital. Sem citar nomes, traremos as respostas obtidas, chamando-os de A1, A2 e, assim, por diante.

Quadro 1: O *WhatsApp* influenciou a sua escrita padrão? Justifique a sua resposta.

A1	Melhor e pior	Ao mesmo tempo pq tem hora que eu penso que tô escrevendo no WhatsApp aí por isso minha escrita ficou diferente.
A2	Melhor	Porque a minha escrita era muito ruim depois do WhatsApp melhorou cem pusei agora posso dizer que eu sou das melhores.

Fonte: Dados da pesquisa.

No quadro acima, estão os dados dos alunos A1, e A2, as respostas foram transcritas da mesma forma que eles responderam. Como observado, o aluno A1 utilizou a linguagem virtual, mesmo sem perceber; diferente do A2 que, escreveu do jeito que fala no dia a dia, sem se preocupar com a grafia correta. Ambos os estudantes apresentaram erros na escrita padrão, mas só o A1, usou os clichês dos aplicativos de mensagens os (pq e tô).

Quadro 2: O *WhatsApp* influenciou na sua escrita padrão, deixando-a melhor ou pior? Justifique sua resposta.

A3	Pior	Quando comecei a usar o WhatsApp, comecei também a abreviar as palavras, o WhatsApp deixou minha escrita bagunçada.
A4	Pior	Pois à alguma costumes do WhatsApp que acabam ficando na escrita.
A5	Pior	Pois esse APP influenciou o uso abreviações com maior frequência e, isso tem sido prejudicial em minha escrita de redação, respostas de atividades na escola.
A6	Pior	Pois me deixou preguiçosa. Às vezes eu escrevo abreviado por mera preguiça.
A7	Pior	Porque às vezes eu escrevo errado na escola. Não por querer, mas por pegar certo costume. Ou seja, erro sem perceber que estou errando.

Fonte: Dados da pesquisa.

Os estudantes A3, A4, A5, A6 e A7 relataram que sua escrita piorou, pois às vezes escrevem abreviado na escola por mera preguiça, e que os costumes do *WhatsApp* acabam ficando na escrita e, por isso, estão sempre abreviando. Apenas o aluno A8 relatou que não fez diferença o uso do *WhatsApp* na sua escrita formal.

É importante ressaltar que os dados estão de acordo com a escrita dos estudantes que se submeteram ao questionário, nada foi alterado. Pois na última pergunta estava sendo avaliado também a escrita formal deles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar os impactos causados pelo *WhatsApp* na escrita padrão, constatamos que a linguagem utilizada nesse e em outros aplicativos de mensagens afetam os jovens em suas produções escolares. O imenso contato e o uso exagerado das mídias digitais e das linguagens que ali circulam são fatores determinantes nos desvios da escrita formal.

Vale ressaltar que, mesmo em ambientes informais, especialmente, àqueles que envolvem a escrita, como os aplicativos de mensagens, é sempre bom ter em mente como é a grafia corretas das palavras e não as esquecer, justamente por causa do vício de linguagem. É importante alertar os alunos para os efeitos das linguagens que circulam no meio digital, pois naquele meio a informalidade prevalece diferente de ambientes sociais, como a sala de aula.

Portanto, faz-se necessário o acompanhamento da linguagem virtual como instrumento a ser estudado na sala de aula, junto com os alunos. É preciso refletir sobre os impactos que essa linguagem traz para os mesmos e, torná-los cientes dos limites da linguagem formal e informal.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: editora, Parábola, 2003.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), **A Redação no ENEM**, Cartilha do participante, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, 2018.

BARBEIRO, Luís Felipe; PEREIRA, Luísa Álvares. **O ensino da escrita: a dimensão textual**. Ministério da Educação: Direção Geral de inovação e de Desenvolvimento Curricular Lisboa, 2007.

CORDEIRO, Pedro. **Linguagem padrão: o que é e sua importância.** Recanto das Letras, 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3859269/> acesso em: 29 de abril de 2023.

MATTAR, João; CZESZAK, Wanderlucy; DÍAZ, J.G.; MOSER, C.A.; SILVA, J.E; SILVA, M.A. **Educação na contemporaneidade: Aprendizagem, uso da tecnologia e metodologias ativas no ambiente escolar;** – Palmas: EDUFT, 2021, p. 255.

MARTINSS, Rita Maria Pires. **Metodologias ativas e Tecnologias Digitais nas Aulas de Produção Escrita em Língua Portuguesa: Uma sugestão de Aplicabilidade.** 59 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, LETRAS, PORTUGUÊS, 2022.